

1. Basisdaten

1.1 Titel

A lágrima de um caeté

1.2 Autor

Nísia Floresta Brasileira Augusta (pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto), sob pseudônimo de „Telesila“ (Papari (RN), Bonsecours / Brasil, França 1810 - 1885)

1.3 Jahr

1849

1.4 Erstedition

A lágrima de um caeté, por Telesila. Rio de Janeiro: Typographia de L.A.P de Menezes, 1849.

1.5 Benutzte Ausgabe

Augusta, Nísia Floresta Brasileira. *A lágrima de um caeté*. Edição atualizada com notas e estudo crítico de Constância Lima Duarte. Natal: Fundação José Augusto, 1997. 66 p.

2. Zum Autor

2.1 Vita des Autors

A Autora escreveu poemas, ensaios, ficção, viagens e crônica jornalística, sendo pioneira, no Brasil, na escrita sobre a mulher. Nascida no interior de uma província do Nordeste brasileiro (1810), Nísia e a família se transferem para Pernambuco (primeiro Goiana, depois Recife) em 1824, depois de um primeiro casamento desfeito (casou-se aos 13 anos). Em 1828 passa a viver com o jovem estudante de direito Manuel Augusto de Faria Rocha e em 1831 tem seus primeiros textos publicados em revistas para mulheres. Em 1832 publica uma tradução livre da *Vindication of the Rights of Women*, de Mary Wollstonecraft. Em 1832 transfere-se com a família para Porto Alegre, onde morre seu marido. Funda, já no Rio de Janeiro, uma escola para mulheres em 1838. Publica, em 1849, *A lágrima de um caeté*, logo após a derrota de um levante liberal no Recife (a Revolução Praieira), que teria motivado a publicação do texto. Ainda neste mesmo ano, devido à saúde de uma das filhas e às críticas aos seus trabalhos como educadora e autora, vai morar na França, onde mantém contatos com Auguste Comte e Lamartine. Volta ao Brasil por duas vezes, morando no Rio de Janeiro por alguns meses a cada volta. Numa de suas estadias na Europa, chegou a ficar por dezesseis anos sem voltar ao Brasil. Morando na Europa, seguiu publicando livros e textos jornalísticos no Brasil, além de livros em francês, italiano e inglês. Nísia Floresta não é um nome canônico na literatura brasileira. Sua obra foi redescoberta nos anos 1990, mas seus textos seguem longe do público e da academia.

3. Zum Text

3.1 Gliederung

Não apresenta divisões internas.

3.2 Metrik

O poema apresenta grande variação métrica e estrófica. São usados sobretudo decassílabos (quase sempre brancos) e redondilhas (maiores e menores, com ou sem rima). Há também o uso de versos de onze sílabas, um metro raro em português, porém com acento na quinta sílaba, o que o faz soar como duas redondilhas menores. A divisão estrófica apresenta grande variação, predominando estrofes de número par de versos. Há passagens sem padrão estrófico regular, em decassílabos.

3.3 Paratexte

Epígrafe de Victor Hugo na folha de rosto do livro, logo após o título. Nesta epígrafe, uma voz poética afirma que não abandonará a Liberdade, filha de Deus.

Há um breve „A propos“, em que a Autora refere, de modo elíptico, as condições adversas de publicação do texto: no prelo há alguns meses, só pode ser publicado depois de „mil torturas inquisitoriais“ graças a uma „benfazeja mão“.

3.4 Inhalt

O poema apresenta como um índio (identificado como „vulto“) que, às margens de um rio próximo a Recife, lamenta a perda das terras pelo seu povo e evoca o Gênio do Brasil para pedir por vingança. A vingança, que viria com o triunfo da Revolução Praieira, é contudo abortada com a morte do herói histórico Nunes Machado. O índio é então convencido por uma alegoria antropomórfica, a Realidade, a renunciar às esperanças de justiça e voltar para a floresta. Propomos uma divisão do texto em seis partes:

1. Apresentação do índio e do cenário (v.1-48): „um vulto de homem“, um índio caeté, vaga às margens do rio Beberibe, em cenário melancólico de pôr-do-sol; ele está em busca de lembranças de um tempo anterior e do lugar de onde foi desalojado „pelo despotismo“.

2. Pensamentos e discurso do índio (v.49-310): apresenta lamentos pela perda da sua terra e pela imposição de vícios em lugar dos antigos costumes simples; maldiz antigos índios aliados dos conquistadores, inclusive Filipe Camarão (tido como herói das lutas contra os holandeses, é acusado de ter lutado pelo conquistador português); lembra que os índios que se aliaram perderam seus costumes e não puderam se integrar na sociedade colonial e depois brasileira, permanecendo marginais e vistos como covardes. Os espíritos dos caetés, um dos povos que resistiu à conquista, teriam se vingado dos portugueses ao longo da história:

invasões holandesas, União Ibérica e Independência do Brasil. Evoca lembranças da vida antes de perder suas terras e expressa seu desejo de vingança e chama o Gênio do Brasil.

3. Revolução Praieira e derrota de Nunes Machado (v.311-438): ouve-se batalha ao longe; tropas rebeldes avançam anunciando libertação da terra dos caetés (seu líder, Nunes Machado, se diz descendente e vingador dos caetés e dos mortos das revoluções de 1817 e 1824 em Recife). Corte na narrativa: anuncia-se o revés: morreu o herói. Novo lamento do índio, críticas ao chefe das forças imperiais e anúncio da derrota dos rebeldes.

4. Discurso do Gênio do Brasil (v.439-486): Gênio do Brasil revela ao caeté que o herói morreu por seu desígnio, mas que seguirá vivo na memória da pátria; não se refugiou no exílio como os líderes de 1824.

5. Caeté e figuras alegóricas (v.487-684): o índio decide ele próprio partir para a luta, incitando os pernambucanos, mas é parado por um vulto feminino, a Realidade. Ela argumenta que ele deve voltar para a floresta, pois os brasileiros estão indiferentes ao destino do índio, pouco importando que partido vença. Desce dos céus um outro vulto, de bela virgem, e surge da cidade um monstro, que toma a direção da virgem. O caeté deseja (já atraído fisicamente pela virgem), sem ser capaz, interceder. A Realidade revela que a virgem é a Liberdade (a quem se ajoelha o índio: "A Liberdade adora e nela Deus"), e que o monstro é o Despotismo e, embora tente, não poderá alcançá-la. Anuncia que, cumprindo a vontade de Deus, o Despotismo será no futuro expulso do Brasil, mas volta a dizer que o índio deve voltar à mata, porque os brasileiros, diferentemente de Nunes Machado, não se interessam pelo destino dos índios.

6. Partida para o Goiana (v.685-699): o índio parte para as margens de outro rio, o Goiana, mais ao norte, onde chora; no fim, o narrador afirma que o choro do índio subiu ao céu para se confundir com Nunes Machado, numa construção ambígua que pode conter uma figuração da subida do próprio índio: „E lá do Caeté / O triste pungir / Com ele se foi / No céu confundir“.

3.5 Protagonisten

Índio Caeté: „da natureza o filho“, „simples como ela“, solitário, errante e nostálgico, vive em situação de exílio e lamento, por diversas vezes suas expectativas são frustradas no texto; é identificado como „o Brasileiro“; além de querer de volta sua terra roubada, está em busca de vingança. Ao fim, abre mão da luta. Sua aparição como „vulto“ e o final ambíguo não deixam claro se é uma pessoa viva ou espírito (suas referências temporais são indeterminadas).

A Realidade: „vulto descarnado“ e de „rosto afeiado“, é irônica.

Nunes Machado: ideal do herói cívico, se diz descendente dos caetés; morre porque, no ímpeto da luta acaba „esquecendo [...] que era homem“

3.6 Proömium

Não há proêmio.

3.7 Narratologie des Textes

O narrador é externo, porém usa recorrentemente a focalização interna. Essa focalização ora se apresenta como desdobramento do discurso direto das personagens (que em geral é abundante) ora se confunde com ele. Os discursos diretos constituem, eventualmente, movimentos narrativos, instituindo narradores internos. Estes narradores internos podem inclusive apresentar a diegese (p. ex.: é a Realidade, dirigindo a palavra ao índio, quem nos faz saber que ele está de joelhos diante da Liberdade e que ela está deixando a cidade). Chama a atenção a estrutura temporal do texto. Há uma dupla temporalidade: um tempo mais amplo, do processo histórico da conquista, e um tempo mais imediato, da Revolução Praieira. Não há comentários metanarrativos.

4. Analysekategorien des DFG-Projekts

Não há marcas de autorreflexividade. A filiação do texto com o gênero épico não é evidente. Há elementos temáticos que permitiriam uma aproximação: as referências históricas, a dimensão coletiva da ação e do herói, o maravilhoso, o combate. Eles se somam ao fato de se tratar de uma narrativa em versos. Afora isso, os critérios formais da tradição épica estão ausentes, inclusive a extensão. Quanto a esse último critério, seria possível aproximar o texto do epíllion. O longo monólogo do Caeté no início do poema contém elementos líricos.

A construção do protagonista explora sua subjetividade, mas não ocupa posição particularmente relevante. O longo monólogo do herói apresenta elementos nostálgicos. A representação da natureza acompanha a psicologia da personagem (pôr-do-sol melancólico).

O poema apresenta dois heróis, apesar de um deles, Nunes Machado, não ocupar função relevante na narrativa. Em muitos sentidos, a heroicidade tradicional é transformada e mesmo revertida. Ambos são heróis derrotados (um deles morre), e o protagonista, no final, renuncia à ação. O protagonista está isolado e apresenta valores que correspondem a uma coletividade que parece perdida no passado. A apresentação da situação presente do índio foge do esquema padrão do uso dessa categoria de herói no Romantismo brasileiro, segundo o qual o ethos indígena é protótipo ou origem da coletividade nacional. O herói está aqui, neste sentido, em oposição à coletividade nacional. A tendência à conversão do índio em alegoria histórica é reforçada aqui pela interação com figuras alegóricas.

5. Bibliographische Hinweise

Duarte, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: UFRN, 1995.

Ramalho, Cristina. Um indianismo transgressor: Nísia Floresta. In: *Elas escrevem o épico*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005.